



O Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

ESTRUTUREMOS E DEMOS VIDA POLÍTICA ÀS ORGANIZAÇÕES DE BASE DO PARTIDO

A influência política do Partido e o seu papel de dirigente não se medem só pelo número dos efectivos e pelo facto da sua actividade se basear na doutrina do marxismo-leninismo. Depois de estabelecidas uma linha política e táctica justa e uma firme unidade de pensamento e de acção, o factor decisivo da força e da influência crescente do Partido, reside numa correcta estruturação das organizações de base, da sua vida política activa e da estreita ligação com as amplas massas populares, em primeiro lugar com a classe operária, como a classe mais organizada, mais consciente e revolucionária.

Criar células do Partido nas fábricas e nas oficinas, nas minas e nos campos, nos centros piscatórios, nas escolas e nos escritórios, nos quartéis e nos barcos, onde a organização não exista, continua a ser uma tarefa central de todos os militantes como condição necessária para o desenvolvimento do Partido e para o ligar às massas, pois neste capítulo continuam a existir grandes «brancos» onde o Partido não actua. Porém, isto não basta para que o Partido possa efectivamente cumprir o seu papel de mobilizador, de organizador e de dirigente, lá onde tem organização. É necessário que as células estejam estruturadas, tenham vida política e estejam ligadas às massas.

A falta de estruturação em muitos sectores e organizações constitui hoje uma das maiores fraquezas e dificuldades do nosso trabalho, em matéria de organização. Existem organizações com dezenas de militantes sem estarem integrados em organismos colectivos e sem sequer realizarem uma tarefa concreta. Nos balanços de organização que se realizam periodicamente, esta realidade salta à vista, clara como água. A falta de estruturação faz-se sentir sobretudo nas organizações de base, onde há uma massa de militantes que se limita a ler a imprensa partidária.

Verifica-se uma grande falta de opiniões, de sugestões, de críticas construtivas das organizações de base sobre os mais variados aspectos

da actividade do Partido, assim como de trabalhos de informação e de estudo com interesse para a vida do Partido. Esta situação só se pode compreender pela falta de vida política das organizações.

Os encontros rotineiros de rua, os contactos individuais para entregar imprensa e receber algum dinheiro, o trabalho individualista, são ainda o traço que caracteriza a actividade de muitas organizações e camaradas controleiros. O hábito rotineiro dos contactos individuais e do desprezo pela estruturação está tão arraigado em alguns sectores que é necessário travar uma verdadeira batalha contra eles.

A falta de estruturação e de vida política impede o desenvolvimento regular das organizações; impede o conhecimento dos quadros e o seu progresso político; dificulta a mobilização e a ligação com as massas e dificulta a defesa do Partido. Sem vida política, as organizações estagnam, envelhecem e definham-se, perdendo influência política e capacidade para esclarecer, organizar e dirigir as massas. Porém, ao apontarmos estas deficiências, não podemos afirmar que todas as organizações não têm estruturação nem vida política. Não! Há organizações com vida política e com razoável estruturação. São elas que mobilizam, organizam e dirigem as massas para a luta, são elas que desenvolvem a organização e levam à prática a linha política do nosso Partido. O camarada Álvaro Cunhal, Secretário-geral do Partido, demonstra-o no Relatório «Rumo à Vitória». Ele afirma: «O Partido Comunista Português é o mais forte e influente agrupamento político da Oposição anti-fascista. Não é possível o desenvolvimento do movimento anti-fascista sem a participação determinante do Partido Comunista. Um grande Partido Comunista é factor decisivo para o triunfo da «revolução democrática e nacional». Esta conclusão demonstra não só que o Partido tem uma forte influência no seio das amplas massas populares e que elas seguem a sua linha

política, como demonstra também que é necessário, cada dia que passa, elevar mais o papel mobilizador, organizador e dirigente das organizações, e das tarefas do Partido.



É necessário vencer as deficiências e dificuldades

A maior deficiência reside em o problema da estrutura e da vida política das organizações não estar ainda devidamente compreendido por todos os quadros do Partido. Subsistem incompreensões e subestimação da sua importância. A repressão fascista, a prisão de camaradas, a «falta de quadros com disposição» e de pontos de apoio para reunir, não devem ser tomados como causas principais da falta de estruturação.

Esta deficiência, que constitui uma fraqueza do nosso trabalho, reside precisamente na subestimação do papel organizador e dirigente do Partido, na viciação, no hábito e no estilo de trabalho de muitos quadros controladores, na espontaneidade e na falta de maleabilidade, de iniciativa e de capacidade para organizar. Estas são as deficiências fundamentais que é preciso saber eliminar de vez.

É necessário fazer compreender a todos os quadros o que se entende por **estruturação e vida política**.

Estruturar é enquadrar os militantes das células do Partido em organismos colectivos: é formar comités regionais, sub-regionais, locais, de zona, de classe; é formar secretariados de empresa, núcleos por secção, fracções e outros organismos para tarefas concretas, para assegurar o papel dirigente do Partido.

A **vida política** são as reuniões regulares dos organismos, a discussão colectiva da orientação

e das tarefas do Partido e das formas de as levar à prática; são o estudo e a discussão viva dos problemas fundamentais das massas e as formas de as mobilizar e organizar para a acção contra a exploração e contra a ditadura; são as críticas e as auto-críticas às deficiências do trabalho partidário, assim como opiniões e sugestões dos militantes para melhorar o trabalho geral do Partido, são os estudos de cada organismo e de cada militante sobre a exploração capitalista nas fábricas e nos campos, nas minas e nos escritórios onde quer que trabalhe, sobre a situação económica, política e social do país, assim como sobre muitos outros problemas de grande interesse para a vida do Partido.

Se soubermos esclarecer cada célula e cada militante do papel de vanguarda que cabe ao Partido na condução da luta do nosso povo, do papel organizador e dirigente de cada célula e militantes em particular; se soubermos introduzir nas organizações o hábito do trabalho colectivo, o combate aos contactos individuais, ao sectarismo e esquematismo; se soubermos conhecer os quadros, promovê-los e dar-lhes tarefas; se fizermos um estudo atento em cada organização e formos maleáveis nas formas orgânicas e se soubermos ajudar a organizar, faremos uma viragem no trabalho de estruturação e daremos um impulso no desenvolvimento da organização do Partido.

A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E NACIONAL

Em «RUMO À VITÓRIA», — relatório apresentado à reunião do C.C. em Abril de 1964 pelo camarada Álvaro Cunhal, Secretário Geral do nosso Partido, — define-se a revolução por que lutamos como «**democrática e nacional**».

A definição do carácter da revolução que se avizinha é de grande importância para a compreensão teórica e prática da linha política e da tática do nosso Partido na actual etapa. O co-

nhecimento perfeito do carácter da revolução por que lutamos é um elemento indispensável ao trabalho de todos os militantes do Partido, dos mais responsáveis aos menos responsáveis, devendo os organismos do Partido e todos os seus militantes procurar, sem prejuízo das tarefas imediatas, fazer uma discussão aprofundada que garanta uma exacta e completa compreensão deste problema.

Portugal — país imperialista

Sobre o lado imperialista do nosso País ninguém tem dúvidas. Este lado tornou-se ainda mais evidente após o começo da guerra colonial com a qual o Estado fascista procura abafar em sangue a luta nacional-libertadora dos povos das colónias portuguesas.

Por todo o país há já hoje milhares de famílias entretidas por esta guerra monstruosa que é imposta ao nosso povo pela burguesia monopolista portuguesa associada ao capital imperialista estrangeiro.

São eles, os monopolistas portugueses, os mesmos que nos oprimem com o seu Estado fascista, e são os seus sócios monopolistas dos principais países imperialistas que, amassando fortunas à custa da exploração sem limites dos povos coloniais, hoje procuram por qualquer preço manter-se no poder e assegurar pelo maior prazo possível a rapina das colónias portuguesas e a exploração dos respectivos povos.

São eles que não recuam, nem perante a guerra com todos os crimes e estragos que ela acar-

reta, nem perante a sangria em homens e recursos que poderiam e deveriam ser empregues no desenvolvimento do nível de vida das classes trabalhadoras e em benefício do povo português e dos povos coloniais.

São eles e o seu chefe Salazar que, perante a iminência histórica da derrota, tudo o que fazem é reforçar a repressão e «aguentar»... «aguentar», o mais possível.

Desde o início do conflito só em despesas directas com a guerra colonial e as forças armadas já se gastaram cerca de duas dezenas de milhões de contos e na «lei de meios» para o próximo ano, nos planos de acumulação capitalista a que mentirosamente chamam de «fomento», por todo o lado se lê a determinação de continuarem esta guerra monstruosa que só pode ter como desfecho a derrota e a bancarrota.

Portugal — país dependente e semi-colónia económica

Sobre o lado da «dependência» e do carácter de «semi-colónia» do nosso país, nem todos estarão tão seguros. Durante muitos anos a imprensa do nosso Partido reflectiu mesmo a substimação deste facto e ainda hoje não corrigimos totalmente o erro.

Muitos e muitos anos de propaganda dos fascistas e dos seus antecessores criaram e animaram o «chauvinismo» de potência colonial no seio mesmo das classes trabalhadoras. Como se diz em «Rumo à Vitória» — «Nada tem obscurecido mais a consciência nacional e o espírito patriótico, do que o patrioteirismo inspirado na subjugação dos povos coloniais», e como segundo factor desse obscurecimento apontam-se os disfarces adoptados pelos imperialistas para não chocarem, nas aparências, o brio e o espírito patriótico dos trabalhadores portugueses. E acrescenta-se: «dessa fraca consciência nacional resultam debilidades sérias na luta anti-imperialista». (O sublinhado é nosso).

Ninguém duvida que o aspecto de «dependência» e de «semi-colónia» económica do nosso país em relação aos países imperialistas mais desenvolvidos é, mesmo para militantes do nosso Partido, menos compreendido e menos sentido. Não é raro haver lutas da classe operária em empresas directamente dominadas pelos imperialistas estrangeiros e só tardiamente os nossos militantes procurarem salientar o carácter anti-imperialista e nacional de tais lutas. Algumas vezes este aspecto é mesmo esquecido e nem a imprensa central lhe dá o devido relevo.

Sem entrarmos no detalhe que aqui não inte-

Hoje, a luta pela destruição do Estado fascista encontra-se fortemente ligada à luta contra a guerra colonial. Os fascistas sabem-no bem. Sabem bem que o seu Estado, «novo» ou velho, a sua empresa de exploração e opressão do povo português, é agora inseparável do domínio e da exploração dos povos das colónias portuguesas. As palavras do seu chefe Salazar, «aguentar, aguentar», nem para um governo fascista e de laçaios do imperialismo, podem considerar-se um programa. Perante o isolamento e as dificuldades internacionais que provocam, elas são a afirmação inequívoca da incapacidade de continuar no poder por outra forma.

Portugal é pois um país imperialista. Não só domina e explora outros povos mas está envolvido directamente numa guerra colonial destinada a manter pelo máximo prazo possível essa opressão e rapina.

ressa, notemos entretanto que a situação de semi-colónia em que nos encontramos é catastrófica. Em «Rumo à Vitória», sintetiza-se claramente o balanço desta situação de extrema dependência, dizendo-se: «ao estrangeiro se paga a luz e a lâmpada que nos ilumina, o petróleo que consumimos, o sabão e sabonete com que nos lavamos, a margarina que comemos, o leite condensado ou o refrigerante que bebemos, muitas portuguesíssimas sardinhas que petiscamos, a louça de que nos servimos, o bilhete do eléctrico em que nos transportamos, o telefonema que fazemos».

É também de todos conhecida a dominação, (cada vez mais acrescida), do capital estrangeiro em Portugal. Cálculos aproximados, davam, há três anos, para o total do capital nominal das sociedades «portuguesas», 1/3 para o capital português e 2/3 para o capital estrangeiro ou por ele controlado.

No plano político e diplomático, são constantes os exemplos a mostrarem que as ordens emanadas de Londres, Bona, Nova York e Paris são bem cumpridas pelos «ministros» de Lisboa. A última «visita» de inspecção do ministro da agricultura da Alemanha Federal é uma prova gritante e odiosa desta posição de «dependência» e de subalternidade.

É nosso dever denunciar esta situação, como se afirma em «Rumo à Vitória»: — é tempo de ligar dia a dia a luta contra a ditadura fascista com a luta directa, persistente, sem tréguas contra o imperialismo».

O duplo carácter de Portugal e a revolução por que lutamos

Portugal é, por conseguinte e simultaneamente, um país imperialista e possuidor de colónias,

e uma semi-colónia económica dependente dos países imperialistas mais desenvolvidos.



Nas teses sobre a questão nacional e colonial apresentadas ao II Congresso da I. C., Lênine afirmava: «Qual é a ideia fundamental das nossas teses? A distinção entre povos **oprimidos e opressores**». Esta distinção referia-se exactamente à tática e às alianças do proletariado num caso e no outro.

De facto, num país opressor, os aliados do proletariado são o campesinato e a pequena burguesia em vias de proletarização. A única revolução possível é pois a revolução socialista. Não há etapa intermédia possível e necessária.

Diversamente, nos países oprimidos, os aliados do proletariado são o campesinato, a pequena burguesia urbana e camadas da média burguesia que nestes casos são designadas como — «burguesia nacional». Em tal situação, numa primeira etapa da revolução o seu carácter nacional, anti-imperialista e anti-feudal, arrasta às fileiras da revolução uma parte da burguesia, a «burguesia nacional», cujos interesses são directamente atingidos pelas sequelas feudais e pelo domínio imperialista estrangeiro. A revolução possível e necessária é pois a revolução nacional-libertadora, como etapa prévia para a revolução socialista.

Na análise clara feita por Lênine nem se inclui nem podia incluir-se a situação rara e complexa dum povo que é ao mesmo tempo «**oprimido**» e «**opressor**».

E agora a questão põe-se assim: se Portugal

fosse simplesmente um país imperialista, a única revolução possível e necessária seria a socialista e os aliados do proletariado seriam o campesinato e a pequena burguesia em vias de proletarização; se Portugal fosse simplesmente um país dependente e semi-colónia económica, ou mesmo colónia por inteiro, a revolução possível e necessária seria a nacional-libertadora e os aliados do proletariado seriam o campesinato, a pequena burguesia e a burguesia nacional; sendo Portugal, simultaneamente, um país imperialista e dependente ou semi-colónia económica, a revolução possível e necessária será a **revolução democrática e nacional** e os aliados do proletariado serão o campesinato, a pequena burguesia e certas camadas da média burguesia.

Ela será democrática porque sob a hegemonia do proletariado liquidará o poder dos monopólios; realizará a Reforma Agrária; aumentará rapidamente o nível de vida material e cultural das classes trabalhadoras; instaurará uma ordem democrática destruindo o Estado fascista; reconhecerá o direito dos povos das colónias portuguesas à auto-determinação e independência; será nacional porque libertará Portugal do domínio imperialista estrangeiro garantindo ao mesmo tempo o direito à imediata e completa independência das colónias portuguesas e, ganha a plena independência nacional, desenvolverá uma política externa de paz e cooperação com todos os povos.

O esquerdismo e o oportunismo

Como vimos, nós estamos numa situação rara e mais complexa do que a da maioria dos outros países que, ou são determinadamente **oprimidos**, ou determinadamente **opressores**.

Portugal é ao mesmo tempo opressor e oprimido e desta particularidade resulta o carácter especial da nossa revolução.

Quem não souber ou não quiser compreender esta particularidade cairá fatalmente em erro, ou, simplesmente, será, conscientemente esquerdista ou oportunista.

Se puzermos demasiado peso no lado da «dependência» até a transformarmos no carácter determinante ou único, cairemos no oportunismo e pensaremos que a revolução que se avizinha é nacional-libertadora.

Se substitirmos o aspecto da «dependência» reduzindo-o a zero, (ou quase), cairemos no esquerdismo e julgaremos que a etapa actual é imediatamente a revolução socialista.

Quando os militantes do nosso Partido dirigem uma luta da classe operária não lhe compreendendo o sentido anti-imperialista e nacional, ou não se esforçando por evidenciar suficientemente este aspecto, estão simplesmente a ser esquerdistas, o mesmo sucedendo quando isto se passa ao nível da imprensa central.

Quando em relação ao movimento de unidade ou à luta contra a ditadura, acentuamos sômen-

te o lado libertador e nacional de tal luta e não compreendemos ou subestimamos a luta entre o proletariado e a burguesia, (monopolista e não monopolista), portuguesa, estamos a cair no oportunismo.

Se seguirmos e compreendermos justamente a orientação do nosso Partido, definiremos a revolução por que lutamos como **DEMOCRÁTICA E NACIONAL** e estaremos no bom caminho.

Aplicando de forma creadora o Marxismo-Leninismo, assimilando correctamente a linha política do nosso Partido, aplicando-a com audácia e decisão, poderemos não só permitir ao proletariado desempenhar a sua função hegemónica, mas também acelerar a formação do largo movimento de unidade que, englobando o **proletariado, o campesinato, a pequena burguesia e certas camadas da média burguesia**, será capaz de destruir o Estado fascista e dar início às amplas e profundas transformações que constituem precisamente a etapa imediata da revolução — **A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E NACIONAL**.

Será lutando hoje pela mais completa realização da **REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E NACIONAL** que apressaremos a **REVOLUÇÃO SOCIALISTA** e, finalmente, a construção do socialismo e do comunismo em Portugal.

UMA PALAVRA DE FOGO QUE MAIS NÃO É QUE CINZA FRIA

(Discutindo com um camarada inexperiente)

Um camarada, desejoso como todos nós de ver o nosso país livre da opressão fascista, manifesta o seu desgosto pelo atraso que ainda se verifica na nossa luta e critica alguns aspectos da orientação e actuação do nosso Partido.

Crítica o Partido por, existindo há 40 anos não ter ainda derrubado o fascismo. Pondo assim o problema, o nosso crítico revela toda a sua enorme inexperiência e falta de preparação política. Mostra não saber ainda que uma revolução não se dá quando algumas pessoas querem, mas quando vários factores que a tornam possível se verificam. Fala em Lénine, mas não pergunta porque fez o povo russo a Revolução em Outubro de 1917 e não a fez antes, nem que diferença há entre o Estado fascista dos nossos dias e os Estados capitalistas de há 50 ou 40 anos. Não pergunta como desapareceram o fascismo na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussolini, na Hungria, na Roménia, etc. Não sabe compreender a realidade nem as dificuldades da luta e acredita que a revolução democrática ou socialista pode ser feita em qualquer momento à nossa escolha e só à nossa escolha.

Educar no espírito de fidelidade ao Partido e ao povo

O nosso camarada não sabe certamente que o factor que mais tem concorrido para as nossas dificuldades e para o nosso atraso na organização é precisamente a fraqueza perante o inimigo, pois a ele se deve a imensa maioria das baixas que temos sofrido.

Se todos os comunistas que têm sido presos tivessem tido bom porte outra seria hoje a situação do nosso Partido. De forma que não compreender e não desejar que todos os militantes sejam educados no espírito da fidelidade ao Partido e ao Povo, no espírito da intransigência, e que sem essa firmeza ninguém será bom comunista é que merece ser criticado. A opinião do nosso crítico sobre este problema concorre mais para a manutenção do fascismo do que para o seu desaparecimento.

De resto, dos que não forem capazes de não falar na polícia também não haverá muito a esperar em outros campos da sua actuação e da sua maneira de trabalhar para a revolução.

Sabendo que o Partido é o agrupamento mais forte e mais bem organizado de todo o movimento anti-fascista não compreendeu, que também por esta razão, tem de exigir de todos os

O autor da crítica considera errado que o nosso Partido tenha intensificado o seu trabalho no sentido de fazer compreender a todos os militantes que na polícia não se deve falar e diz: «Ser preso e não falar tornou-se a máxima ambição do militante... E a luta para a queda do fascismo?»

Mas pode alguém pôr em dúvida a importância que tem para a vida e desenvolvimento do Partido o não falar na polícia? Pois não é verdade que os que falam, dando à polícia elementos para prejudicar o Partido, enfraquecem o Partido e a luta, levam as massas a ter mais receio de se ligarem ao movimento, dão um mau exemplo que só aproveita ao inimigo? E não é verdade também que nada dizer à polícia é a maneira mais eficiente de trabalhar para o derrubamento do fascismo? Não é verdade que o que é preso e não fala trabalha para o derrubamento da tirania, ao passo que aquele que fala, traíndo os seus companheiros de luta, pelo contrário contribui para que a tirania se mantenha? Como é possível, nas nossas condições, não compreender a importância que tem o bom porte?

seus militantes que não sejam traidores, que em nada, absolutamente em nada, favoreçam os interesses e os objectivos da polícia, que é inimiga do povo e do Partido. E quando se compreende esta coisa fundamental, quando se faz separação entre o não falar na polícia e trabalhar para derrubar o fascismo não se podem ter opiniões justas sobre a actividade e orientação do Partido.

Naturalmente que a existência de traidores (que infelizmente tem havido) revela que temos deficiências, que o recrutamento e a selecção nem sempre têm sido feitos com os cuidados que a situação exige. Mas também neste ponto o nosso crítico põe as coisas de uma maneira inteiramente fora da realidade.

É certo que o Partido, todo o Partido, deve ter cada vez mais cuidado com o recrutamento de novos militantes e com a selecção destes como se diz em vários documentos já publicados. Mas não será possível evitar tudo. O Partido não poderá conseguir que as pessoas venham ao Partido já cem por cento comunistas como deviam ser e como na maioria dos casos virão a ser.



O que leva o nosso crítico a ter opiniões utópicas é a sua falta de experiência, o seu afastamento da realidade. Por isso cai no impossível, na fantasia. Está na posição da pessoa que ao começar a construção de uma casa pretendesse encontrá-la já construída. Isto é, o Partido não seria uma forja de militantes comunistas, mas seria um recrutador de militantes comunistas já devidamente preparados e com muita experiência. Ora a realidade é que recrutando os melhores elementos de todos os sectores fundamentalmente na classe operária, é dentro do Partido e na realização das tarefas que esses elementos se hão-de desenvolver e se desenvolvem.

Desejando que todos os camaradas estejam o melhor possível preparados e capacitados para o desempenho das suas tarefas, de controladores ou outros, é utópico pretender que todos, e sempre, estejam impecavelmente preparados sob todos os aspectos. Muitas vezes a tarefa de controlador de um sector é dada a um camarada que, não tem grande preparação teórica, que não poderá ser um divulgador do marxismo, mas que sendo firme, dá garantias neste ponto importante. Compromete-se a nada revelar à polícia em caso de prisão.

É o facto de se ter verificado que nem todos os controladores têm sido firmes isso só demonstra quanta razão tem o Partido para continuar a preocupar-se com o problema do porte perante a polícia, contrariamente ao que pensa o

nosso crítico.

O Partido pede a todos os seus membros e mesmo aos que o não são que critiquem as suas deficiências, porque a crítica, honesta e sincera, é uma boa forma de ajuda. Mas será preciso que as pessoas se metam dentro da realidade e a compreendam para poderem fazer críticas justas. Do que o Partido precisa é de ideias e opiniões claras e fundamentais e não de ideias utópicas e confusas.

Qualquer pessoa, qualquer militante não poderá fazer a sua própria educação se não tiver a preocupação de estudar os problemas, se não se colocar numa posição modesta. O que se deixar arrastar por ilusões não conseguirá ser bom comunista nem ajudará a luta que deve derrubar o fascismo. Muitas vezes os que pretendem que tudo já esteja pronto ainda se não dispõem, eles próprios, a dar tudo o que podem e devem dar.

Supondo-se elementos de vanguarda ainda o não são. Talvez ainda não estejam em condições de responder cabalmente a estas simples perguntas: Está na disposição de fazer tudo que esteja ao seu alcance e que possa ser útil à causa da libertação do nosso povo e do nosso País?

Está na disposição de fazer sempre e em todas as circunstâncias aquilo, e só aquilo, que favoreça os interesses e o desenvolvimento do nosso Partido, e nada que, de qualquer forma o prejudique?

A prisão também é uma trincheira de combate

Diz ainda o nosso crítico: « Pretender criar mártires é um bocado arriscado no Século XX ».

O nosso Partido não pretende criar mártires. Mas os nossos militantes que têm dado a sua vida pelo Partido e pelo Povo, que têm preferido morrer a trair servem melhor a causa do comunismo mesmo depois de mortos do que aqueles que, mais preocupados consigo próprios traíram para sair em liberdade. Os comunistas defendem-se da polícia porque servem melhor o Partido cá fora do que lá dentro; e cada vez mais devem ter cuidado com a sua segurança. Mas servem melhor a causa do Partido e do Povo, estando na cadeia com uma posição honrada e firme, do que saindo em liberdade mediante compromissos que prejudicam o Partido e só aproveitam à polícia e ao fascismo. A prisão também é uma trincheira, onde se combate contra o fascismo. Aqueles que pensam que um comunista preso está politicamente neutralizado não têm razão e mostram não ver toda a vastidão da nossa luta. Estar preso e numa posição combativa é um exemplo encorajante; é uma forma de educar no bom sentido.

E a posição de firmeza é sempre a mais digna, a única coerente e a única lógica porque os comunistas quando estão presos e torturados, sabem que moralmente são superiores aos que

os torturam, sabem que representam o futuro, que representam o povo e a sua força ascendente. Um verdadeiro comunista nunca perderá a perspectiva, nunca será um vencido, nunca recuará, nunca falará na polícia.

Os que não compreenderem assim o problema e pretenderem por ventura que há outras formas—e diferentes—de mais contribuir para o derrubamento do fascismo não nos tranquilizam quanto ao seu porte em caso de prisão e não são bons educadores. Pelo contrário, estão introduzindo no Partido ideias que só o prejudicariam. O que todos devemos afirmar, porque é inteiramente verdadeiro, é que não falar na polícia é o mais importante, é o mais digno, é necessário e é possível como têm demonstrado todos os que são verdadeiramente comunistas, seja qual for o seu físico, seja qual for a sua saúde. A maioria dos nossos camaradas que têm passado pela polícia não têm falado. Só fala quem não é comunista.

Houve um camarada que escreveu num trabalho seu as seguintes palavras que consideramos justas e que transcrevemos: « Não admito a traição porque ela, além de provar a cobardia de quem a faz, demonstra um carácter que tem que ser a antítese do carácter do verdadeiro comu-

nista, combatente de vanguarda, que se dá à luta por uma convicção altruísta e para salvar vai falar noutros criando a esses outros e para as suas famílias, situações que não quis para si próprio e para os seus».

Julgamos que se poderá acrescentar, por ser

As massas precisam de ganhar confiança em si próprias

O nosso camarada, reflectindo um estado de espírito e ideias que não correspondem aos interesses e sentimentos do proletariado, critica o Partido por não dar armas e dizer que ainda não estão amadurecidas as condições para a luta armada. Em primeiro lugar, é preciso saber que as armas de que o Povo precisa são, no fundamental, aquelas que ainda estão nas mãos dos fascistas e que os democratas, o povo, lhes hão-de arrancar das mãos quando estiverem organizados e decididos a lutar. Em segundo lugar é preciso saber que as armas só serão úteis quando as massas e aquelas que são a sua vanguarda estejam dispostas a tomá-las e fazer uso delas.

E o nosso crítico, em consciência, e duma maneira segura, não nos pode garantir que já temos essa situação. Aqui também revela a sua inexperiência e a sua falta de paciência para uma luta demorada, difícil mas necessária e indispensável. Querendo atingir depressa o objectivo, recusa-se a trabalhar para criar as condições que tornarão possível atingi-lo.

Crítica as manifestações de rua que «só servem para dar mortos e prisões».

Primeiro comete o erro de pensar que na manifestação de rua como, por exemplo a do 1.º de Maio de 1962, podia derrubar o fascismo. Depois nega o grande significado político das manifestações de rua e não compreende que uma manifestação de rua, especialmente sob o regime fascista, que as reprime, é sempre uma grande vitória política das massas que a realizam. Ignora que a manifestação de rua é uma afirmação e uma prova de força do movimento e uma prova de fraqueza do fascismo que apesar de tudo, não foi capaz de a impedir. Não vê o que representa centenas de milhar de pessoas terem vindo à rua, sabendo que vão ser reprimidas, para manifestarem a sua vontade de liberdade e o seu protesto contra a opressão.

O nosso crítico não poderá negar, por exemplo o alcance e o valor das manifestações que

ainda mais fortemente politicamente mais importante que somos contra a traição porque ela prejudica os interesses do Partido e só favorece os interesses do inimigo. A traição não é só reprovável; é uma acção contra-revolucionária; é uma acção de inimigo.

fazem os negros (e os brancos) nos Estados Unidos da América contra o racismo, onde muitas vezes há mortos. Não poderá negar o significado das manifestações que têm lugar na França, na Inglaterra, no Japão e em muitos outros países.

É pensar que as manifestações de rua só se devem realizar quando temos armas para enfrentar as forças repressivas é errado. Primeiro, porque o objectivo das manifestações é vir em à rua protestar com a sua presença e com os seus gritos. Segundo, porque as armas das forças repressivas fascistas seriam sempre mais do que as dos manifestantes. Porque se o povo tivesse tantas ou mais armas que as forças repressivas não seria já uma manifestação de rua o que teríamos que fazer. Mas a manifestação de rua não tem somente um grande alcance político, que todo o mundo conhecerá; ela é uma experiência que aproveitará muito às massas.

Se as massas precisam de ganhar confiança em si próprias, se precisam de perder o medo, as manifestações serão uma boa maneira de chegar a esse resultado.

Os que dizem que não vale a pena fazer manifestações de rua é porque têm medo e porque, não tendo compreendido qual é o seu objectivo, a consideram uma derrota porque a repressão e o fascismo continuam. É esta incompreensão, própria dos inexperientes, que leva à ideia errada de condenar as manifestações de rua. Finalmente os que parecem estar dispostos a derramar rios de sangue para conquistarem a liberdade, já e sem demora, consideram que as manifestações de massas foram uma derrota porque alguns manifestantes foram mortos e feridos. Acusando-nos de pacifistas elas é que o são, e no mau sentido. Não compreendem que a derrote foi para o fascismo e não para os manifestantes. Em vez de concluírem que, se o fascismo não pôde impedir esta manifestação menos poderá impedir outras melhores, e que, o que é preciso é que os que não vieram agora venham na próxima, concluem que não vale a pena fazer manifestações. Tiram a conclusão que mais agrada ao fascismo. Naturalmente, toda a actividade revolucionária de massas, todas as acções têm riscos: pode-se ser preso, etc. Mas porque não hão-de estar dispostos a correr estes riscos aqueles que dizem estar dispostos a pegar em armas? É que será mais arriscado ir a uma manifestação sem armas do que ir para as barricadas?

Uma pressa que é falta de coragem para enfrentar as dificuldades

Sem querer, e sem o saber, o nosso crítico com as suas opiniões, aparentemente revolucionárias, o que está fazendo é afastar-se e afastar outros do trabalho de organização, persistente, continuado, o único que conduzirá ao triunfo sobre o fascismo. Na sua pressa o que revelam é falta de coragem para enfrentar as dificuldades. Se todos fossem assim não teríamos militantes

com 30 e mais anos de luta, porque ao cabo de meia dúzia de anos teriam desistido. E contudo, quem pode negar que os mais revolucionários são precisamente aqueles que nunca desistiram de lutar, que nunca perderam a paciência?

Os que nos dizem que tudo está preparado para derrubar o fascismo e criticam o Partido

porque não lança já palavras de ordem de luta armada tomam a realidade pelos seus desejos. Não pensam e não sabem, que das acções prematuras só o fascismo sairia ganhando. As massas ficariam com menos confiança na sua força e ficariam a pensar que o fascismo é muito mais forte do que realmente é. Quando os trabalhadores ainda não realizam determinadas lutas, nem sempre vão em massa aos sindicatos, não fazem greves extensas e demoradas por aumentos de salários, não vêm facilmente e às centenas de milhares para a rua em manifestação, no 5 de Outubro e outras datas ou contra a subida do custo da vida, não é porque preferiam uma luta armada; é, sim porque ainda não estão suficientemente preparados, porque ainda têm receio. E nestas condições e sem a suficiente organização os que saíssem à rua de armas na mão seriam esmagados e as massas ficariam em casa curtindo o desgosto de os verem derrotados e desiludidos.

Hoje, por exemplo, seria muito interessante

que o povo português manifestasse o seu ódio à guerra colonial e a condenasse com actos significativos. Por que não saiem à rua em manifestações contra a guerra colonial todos os portugueses que já compreenderam que essa guerra é injusta? Que poderia fazer o governo perante essa atitude, de que o mundo tomaria conhecimento e a que daria o seu apoio?

E no entanto nós sabemos que, apesar de tudo, muitos dos que condenam a guerra colonial ainda se não dispõem a vir à rua.

Ora, quando as massas ainda têm medo de serem reprimidas numa manifestação não podemos pensar que já estão dispostas a lutas superiores onde se joga a vida. Os exaltados não compreendem isto e não trabalham para que esta situação seja ultrapassada. Perdem a cabeça perante as dificuldades e pedem armas que não temos, querem quadros que não há, querem luta que satisfaça (ou não) o seu desespero e a sua impaciência, mas para que ainda não há condições.

Salientar a importância das greves

Na opinião do nosso crítico o Partido faz mal em falar tanto das greves dos camponeses do Alentejo, de 1962.

Ora, quando o nosso Partido insiste na sua imprensa na importância das greves dos operários agrícolas de 1962 é para recordar a essas massas que devem prosseguir nesse caminho e para lembrar a todos que a greve é possível, é necessária e se deve fazer. Mais, devemos demonstrar que o governo fascista, apesar do seu forte aparelho repressivo foi impotente para impedir essas greves e que menos poderá impedir outras maiores e mais bem organizadas.

É preciso e é justo ajudar as massas a compreenderem que cada luta é a prova de que se pode lutar. A conclusão a tirar de cada luta não é só a de que o governo fascista usa da repressão contra os trabalhadores: a conclusão mais verdadeira que se tira de cada greve é de que, se o governo fascista e o patronato não podem impedir essas lutas muito menos poderão impedir outras em que participem um maior número de trabalhadores. É a esta compreensão, dinâmica e encorajante, que as massas devem chegar e nisso devem ser ajudadas por todos nós. Em vez de propagarem ideias pessimistas e desencorajantes, reclamando armas e condenando a luta de massas, o que os comunistas têm que fazer é lutar com as massas. De resto é por este caminho que poderemos chegar às formas superiores de luta, ao levantamento nacional contra o fascismo.

Não compreender isto, como acontece com o nosso crítico é que revela atraso político. E se o seu aborrecimento é porque não se têm verificado muitas outras greves e ainda maiores isso quer dizer que o tal amadurecimento poli-

tico e revolucionário de que ele fala e supõe já existir ainda não existe realmente, e que devemos continuar a trabalhar para a criar em vez de nos lançarmos em acções precipitadas antecipadamente condenadas à derrota. Longe de fazer silêncio sobre as greves havidas, o Partido deve fazer o apanhado de todas as lutas que as classes trabalhadoras têm travado para mostrar, por um lado, que se tem lutado e, por outro, que é preciso lutar mais. A ideia que a luta é difícil deve ser salientado porque é verdadeira. A ideia segundo a qual a luta é impossível, que não vale a pena lutar, deve ser combatida, porque é falsa e derrotista porque é contrária aos interesses do povo e só favorece o fascismo.

Alguns camaradas, como é o caso do camarada que fez a crítica, querem que se digam coisas novas; não gostam da repetição. Mas o certo é que ainda não compreenderam o que já tem sido dito muitas vezes. Se o que se diz fosse aquilo que eles pensam, mesmo repetindo, não se teriam aborrecido.

O que importa é se o que se diz é justo e corresponde ao que deve ser dito.

O grande mal da atitude errada do nosso crítico está em que, mantendo e difundindo essas ideias sobre formas de luta para que ainda não há condições, trabalha para impedir e dificultar as lutas possíveis e necessárias.

Assim, a sua palavra, aparentemente de fogo, traduz-se em passividade, fica reduzida a um pouco de cinza fria e sem valor.

Essas ideias e essas atitudes são também muitas vezes uma forma de esconder o medo de lutar.

Fazemos votos para que, quando chegar a hora da luta com armas estejam presentes, e nas primeiras filas, todos os que agora as reclamam.